

30 ABR 1933

ANL p2

A festa e o preço

JORNAL DE BRASÍLIA

A comemoração carnavalesca, em plena Constituinte, da nacionalização das jazidas minerais traduz o estado de espírito que decidiu lacrar essas riquezas à participação do capital estrangeiro e o ingresso da tecnologia decorrente. O argumento contestatório foi o de evitar a ingerência política e o excesso da evasão de lucros, coisas da responsabilidade do Governo que, assim, responde pela infeliz maneira com que enfrenta as crises na esfera política, escorrendo pela econômica e despejando-se na sociedade.

Num curto período, já se tem acúmulo de prejuízos vultosos à

Nação, devido a condutas históricas para resolver problemas que exigem sensatez e cultura. A estratégia em curso, das esquerdas provocando seus irmãos da direita, o comunismo juntando-se ao primo socialismo contra o caçula fascista, conseguiu confundir quem, no meio, propôs alternativas de teses livres e democráticas, a exemplo de países sob sistemas diversos.

Pois não só rombos advindos da moratória e da reserva de mercado à informática advertem sobre a autoria, apesar de estarem sendo pagos com sacrifício inclusive dos trabalhadores enganados. Logo virão os ônus da expulsão do estran-

geiro, por isso autorizado a expulsar brasileiros sob o próprio modelo de monopólio de seu país, além das indenizações causadas pelo confisco empresarial.

Quando a festa acabar, a noite esfriar e a música for embora — segundo a sábia aula do poeta —, seria do legítimo interesse nacionalista cobrar a conta de cada autor do voto degradando uma Constituição a instrumento de batalhas simuladas entre heróis e traidores, quando a traição verdadeira se materializar como outro lamentável equívoco aos primeiros e inexoráveis efeitos dos fatos.